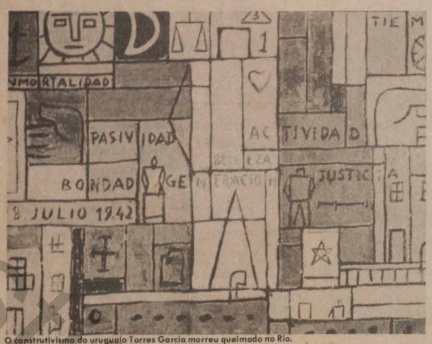
Artes Visuais



O construtivismo do uruguaio Torres Garcia morreu queimado no Rio.

Museus, ora os museus

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

Está ainda na lembrança de todos o desespero do embaixador Pascoal Carlos Magno que chegou, inclusive, a ameaçar pôr fogo em Ouro Preto frente à situação lamentável em que a instituição vivia. Arcozelo, como se sabe, é uma velha fazenda (tombada pelo IPHAN), com sua antiga sede e igreja, onde Pascoal construiu um teatro de arena, um teatro interno e auditório. Desde 1959 vinha ele reunindo all um considerável acervo de móveis antigos, objetos e imagens sacras, arte popular, etc.

O ministro da Educação e Cultura, Eduardo Portela, ouviu as súplicas de Pascoal e se comprometeu a manter o Museu vivo. Pascoal morreu, e não sei se a promessa do ministro foi cumprida.

O fogo ultimamente tem sido, aliás, um grito de alerta. Pascoal ameaçou mas não chegou a incendiar a sua obra. Mas, o MAM carioca ardeu por conta própria, num fogo que irrompeu de madrugada, como a dizer: "Vocês não ligam para mim, suicido-me." O incêndio do MAM foi fruto da incúria, do desleixo, do desinteresse. Resultado: torrou todo o acervo e mais a insubstituível série de telas do construtivismo de Torres Garcia, o lúcido e extraordinário artista uruguaio que, muitos querem, foi o principal pintor da América Latina. E o próprio Museu ficou em cinzas, sobrando o arcabouço de concreto, inaugurado parte em 1958 e parte em 1967 (projeto de Afonso Eduardo Reidy). Sabem o que estava lá dentro? Nada menos que Albers, Arp, Brancusi, Rivera, Carra, Dubuffet, Giacometti, Hartung, Kandinsky, Klee, Léger, Picasso, Lhote, sem falar nos artistas brasileiros, em maior número, entre eles Burl Marx, Bandeira, Di, Ianelli, Flávio de Carvalho, Ismael Neri, Portinari, Segall e outros.

A situação da nossa Educação e Cultura é tão calamitosa que o senador e ex-ministro da Educação, Jarbas Passarinho, está aventando possibilidades de se levantar mais fundos destinados àqueles fins, através de novos impostos sobre o supérfluo (fumo, álcool e lanfepulas). Em entrevista à televisão, na 5.ª feira passada, ele próprio declarou: "O Governo vê as verbas aplicadas na Educação como um dispêndio e não como um investimento."

E em São Paulo a coisa não é outra. O desinteresse é o mesmo. E não é coisa nova. Está aí a Pinacoteca do Estado a mostrar a sua própria sede inaugurada em 1904, que jamais foi terminada. Se tivesse sido construída para quartel (aliás, em certo momento, retirado o acervo, chegou a ser quartel), alguma Secretaria de Estado, sede de Banco oficial, qualquer repartição pública, seriam aplicados os mais nobres materiais e tudo estaria terminado nos seus mínimos detalhes. Exemplos há muitos por aí. Vejam o tribunal de Contas em sede faraônica; a Assembléia Legislativa; as agências do Banespa; a Justiça do Trabalho que provocou agora enorme celeuma com seu novo prédio adquirido; e a capital que o Governo quer construir no centro geográfico do Estado...

Mas, museu? Museu é depósito de velharia, lugar morto que não rende dividendos políticos (é dispêndio e não investimento) nesta Sucupira que tem tido o azar de encontrar tantos Odoricos pela frente.

Araci Amaral deixou recentemente a diretoria da Pinacoteca do Estado, lamentando o desgastante esforço para conseguir fazer alguma coisa, pois verbas para assuntos de cultura só saem com saca-rolhas e muito esforço físico. Retirou-se da Pinacoteca também frustrada — como declarou publicamente — por não conseguir levar a bom termo a sua pesquisa sobre Miguel Pinho, autor de aquarelas no acervo do Museu Paulista (da Universidade) cujo diretor, então o prof. Rocha Penteado, inexplicavelmente não deixou fossem pesquisadas e fotografadas.

No atual Governo, o prof. Rocha Penteado foi levado para a diretoria do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sendo substituído no Museu Paulista (do Ipiranga) pelo prof. Setembrino Petri, mestre de Geologia. O que traz à tona essa questão de profissionalismo nas diretorias de museus, assunto bastante sério, que raríssimamente é levado em consideração. Nem Rocha Penteado nem Petri são especialistas nas áreas dos museus que dirigem. Ulpiano Bezerra de Meneses, que é um técnico, foi afastado do Museu de Arqueologia. Walter Zanini, que também é um técnico (durante 14 anos à frente do MAC-USP, desde a sua fundação) foi, da mesma forma, descartado. Felizmente não foi substituído por um jeito no emprego.

O MAC — Museu de Arte Contemporânea, filiado à USP, estava nos seus planos, construir sede própria dentro do campus universitário, chegando mesmo a ser realizado um excelente projeto pelo escritório Jorge Wilheim Arquitetos Associados (Jorge Wilheim e Paulo Mendes da Rocha) cujas fundações chegaram a ter início. O MAC, que nasceu de doação da coleção Ciccillo/Olanda Matarazzo, tem hoje um raro acervo de exemplares das principais tendências da arte no século 20, talvez o mais importante acervo deste período, em toda a América Latina. Ali, na atuá sede provisória (e precária) estão obras de Kandinsky, Miró, De Chirico, Matisse, Magnelli, Picabia, Laurens, Max Bill, Fontana, Etcheson, Calder, Modigliani, Moore, Soto, Malfatti, Brecheret, Volpi, Segall, Di Cavalcanti, Tarsila, Goeldi e muitos outros.

O projeto para o MAC-USP que mereceu elogios em Paris, previa três áreas: a primeira, comportaria laboratórios experimentais, oficinas, auditórios, cinema, livraria, depósito de acervo, restaurante, administração etc: a segunda área seria formada de salas de exposições temporárias e episódias, salas especiais que permitiriam arranjos diversos e, a terceira área, ocupada pela Direção Científica responsável pela orientação das programações do Museu.

Esse plano, entretanto, ruiu. Aqui mesmo noticiamos que o resto de materiais de construção e que sobrou das fundações começadas, foi vendido. A obra foi considerada não prioritária (lembrem-se, é cultura) e entrou no rol dos projetos inviáveis. Também, seria de se estranhar que esse museu fosse construído, quando a própria USP atravessa um período de sombras e curtindo, ainda por cima, a eterna e lúcida falta de verba. E depois, vêm os Odoricos "demagogentos" reclamar das valas...

Já me esquecendo: esse prólogo foi só para dizer que a Secretaria Estadual de Cultura concedeu, o que foi divulgado amplamente, uma verba de 600 mil cruzeiros para o Museu de Arte Moderna (que ocupa os baixos da marquise do Ibirapuera, nos moldes bem brasileiros do provisório-definitivo). Esse dinheiro se destinaria a cobrir parte das despesas com a exposição "Arte Plumária Brasileira", uma grandiosa e importantíssima mostra que reuniu acervos de vários museus, durante três semanas, com quase 7 mil visitantes (média de mais de 300 por dia). Uma extraordinária audiência, considerando-se uma manifestação cultural ligada às artes visuais. Houve domingo com cerca de 500 pessoas, incluindo-se gente ilustre como o economista John Kenneth Galbraith e o fotógrafo Ernst Haas, atualmente expondo no MASP.

Mas, acontece que da verba concedida, até hoje, nada. Nada vezes nada. O Museu, frente à promessa-compromisso, rapou o fundo da panela que tem tido o azar de encontrar tantos Odoricos pela frente.

Araci Amaral deixou recentemente a diretoria da Pinacoteca do Estado, lamentando o desgastante esforço para conseguir fazer alguma coisa, pois verbas para assuntos de cultura só saem com saca-rolhas e muito esforço físico. Retirou-se da Pinacoteca também frustrada — como declarou publicamente — por não conseguir levar a bom termo a sua pesquisa sobre Miguel Pinho, autor de aquarelas no acervo do Museu Paulista (da Universidade) cujo diretor, então o prof. Rocha Penteado, inexplicavelmente não deixou fossem pesquisadas e fotografadas.

No atual Governo, o prof. Rocha Penteado foi levado para a diretoria do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sendo substituído no Museu Paulista (do Ipiranga) pelo prof. Setembrino Petri, mestre de Geologia. O que traz à tona essa questão de profissionalismo nas diretorias de museus, assunto bastante sério, que raríssimamente é levado em consideração. Nem Rocha Penteado nem Petri são especialistas nas áreas dos museus que dirigem. Ulpiano Bezerra de Meneses, que é um técnico, foi afastado

Notas

O SESC inaugurou em Piracicaba um Museu de Rua, sob o título "Rio Tietê: A Morte de um Rio" (que não pode ser visto hoje), abrindo o 2.º Encontro Estadual de Idosos, para discutir o tema "O idoso e o meio ambiente".

A exposição fotográfica, com fotos antigas e atuais, em 30 painéis, com a assessoria do arquiteto Júlio Abe Wakahara, professor da FAU-USP (idealizador do primeiro Museu de Rua de São Paulo) é resultado do trabalho de pesquisa dos idosos da Escola Aberta da Terceira Idade e do Grupo de Convivência Vila Nova que atuam no SESC Vila Nova, em São Paulo.

Em Piracicaba, o Museu de Rua sobre o Tietê é uma contribuição à luta assumida pela população para a recuperação do Rio Piracicaba, também atingido pela poluição generalizada.

Tentando levantar a memória do Rio Tietê, os idosos pesquisaram arquivos de clubes, como o Tietê, o antigo Espéria, colheram depoimentos de pessoas que viveram a época áurea do rio e foram até a sua nascente, em Salesópolis.

*

O Comitê Brasileiro de História da Arte, filiado ao Comitê Internacional d'Histoire de l'Art, promoverá, de 25 a 27 de setembro, o seu 6.º Colóquio Nacional de História da Arte. A sede do bncontro será o Museu Nacional de Belasr Artes, sendo a entrada franqueada a todos os interessados.

É o segundo o programa do 6.º Colóquio: dia 25 (quinta-feira) de 16 às 18 horas; abertura pública do 6.º Colóquio Nacional de História da Arte e Palestra de Abertura do Simpósio Internacional e a Exposição do Barroco Latino-Americano realizado em Roma; dia 26 (sexta-feira), de 14:30 às 18,30 horas: Sessão Pública; dia 27 (sábado), de 9:30 às 12:30 horas: Reunião do Comitê e dia 27 sábado), de 14:30 às 18:30 horas: sessão pública.

Além do debate sobre o Barroco Latino-Americano, organizado em colaboração com o Instituto Italiano Di Cultura (Rio de Janeiro), serão feitas comunicações sobre os temas seguintes: a) O Ensino da História da Arte: b) Frans Post e os Artistas da época de Maurício de Nassau; c) A Arte no Brasil nas três primeiras décadas do século XX, exceto São Paulo e Rio de Janeiro.

O Comitê Brasileiro do C.I.H.A. é constituído atualmente de 25 historiadores de arte e de Museus, e destina-se a contribuir por várias formas para o desenvolvimento dos estudos da disciplina no País.

OTOSINALÁR

A caixa-álbum-quadro com 49 gravuras.

O desenho como instrumento

Até 31 de outubro (foi inaugurada sexta-feira) pode ser vista no restaurante "O Profeta" (al. dos Aicás, 40 — Indianópolis) a segunda edição da mostra "O Desenho como Instrumento", de responsabilidade da Cooperativas dos Artistas Plásticos de São Paulo. Trata-se da mesma exposição montada há algum tempo na Pinacoteca do Estado. Esta é, portanto, mais uma oportunidade para quem não viu, conhecer a caixa-álbum-quadro, criado para o evento, que estará a venda durante a abtal mostra. Essa caixa contém gravuras de 49 artistas, entre eles Chaiuse, Ali-denir, Marcelo Nitsche, Gabriel Borba Filho, Rebolo, Regina Silveira, Lizárraga, Maurício Fridman, Gerty Saruê, Ubirajara Ribeiro, Leila Ferraz, Tomashigue, Granato, Fajardo, Cacipore Torres, Waldir Sarubi, Julio Plaza, Gregório, Gilberto Salvador, Claudio Tozzi, Bol, Clóvis Graciano, Carmela Gross, Mauricio Nogueira Lima, Sacilotto, Tomie Ohtake.

A atual mostra da Cooperativa, coordenada por Poesia e Arte, apresentará também outros trabalhos dos cooperados (além da caixa-álbum), como gravuras, objetos, etc.

Para falar da Cooperativa, foi reunido um grupo de sócios, dando origem ao diálogo que se segue. Participaram: José Carlos César Ferreira (Bol), Maurício Fridman e Leila Ferraz.

A Cooperativa

— Como surgiu a idéia da cooperativa?

Bol: — Talvez Piaget (o psicólogo falecido nesta semana em Zurique) tenha uma resposta: "Não há gênese sem estrutura nem estrutura sem gênese." Basicamente, os artistas sentiam a necessidade de criar um organismo para fortalecer a sua posição de simples particular, face às instituições: galerias, museus etc.

— Como foi a idéia posta em prática?

Leila: — Para viabilizar economicamente a idéia, foi realizada a exposição "Papéis e Cia.", no MIS, em dezembro de 1978, apresentando gravuras de 39 artistas...

— ... deu certo?

Leila: — E, deu certo. A exposição vendeu muito bem e fechamos o caixa com 300 mil de lucro, que formaram o capital inicial da Cooperativa.

— ... al começou o trabalho duro...

Bol: — Bem, não é fácil reunir artistas individualistas por formação, de diferentes tendências e técnicas e, principalmente, em diferentes estágios de suas carreiras.

No sistema da arte, os artistas em princípio de carreira têm prioridades inversas daqueles que têm o trabalho reconhecido. Mais claro: no começo, o espaço de trabalho, os materiais, o local para expor, são caros e difíceis. A partir do momento em que o trabalho é aceito e procurado, a situação se transforma, a venda passa a ser o mais caro e o mais difícil, a divulgação das idéias e a participação social.

— Qual é o programa da Cooperativa?

Leila: — O programa estabelece as seguintes metas/objetivos: sede própria: a cooperativa como órgão de divulgação: organizando exposições, publicações e arquivo, comprando materiais de uso artístico, distribuindo e vendendo trabalhos dos cooperados, adquirindo equipamentos de alto custo para uso comum, financiando projetos especiais e prestando serviços a terceiros.

— E as metas têm sido atingidas ?

Bol: — Progressivamente temos realizado todos esses itens, com exceção do item "compr de materiais".

— Por que?

Bol: — Inicialmente fizemos um levantamento dos materiais mais utilizados, basicamente papéis e tintas; acontece que os melhores papéis e tintas, os mais adequados, não são fabricados no País e tiveram sua importação proibida recentemente pela Carteira de Comércio Exterior (Cacex).

Estamos portanto apressando as formalidades para o registro da Cooperativa junto ao INCRA, o que nos abre a possibilidade de importar diretamente esses materiais, usufruindo dos benefícios legais devidos às cooperativas.

— E tudo o que tem sido feito?

Bol: — Não; estamos também tentando uma cooperação ou assessoria junto aos fabricantes nacionais, no sentido de desenvolver e adequar os produtos nacionais às exigências dos artistas.

O próximo número do nosso Boletim, o ABC COLOR, será totalmente dedicado a esses problemas.

Qual é o como foi elaborado o calendário para este ano?

Bol: — Bem, a Cooperativa tem um órgão soberano, que é a Assembléia Geral. A Assembléia elegeu várias comissões, que são grupos de pessoas artistas encarregados dos diversos setores de ação da Cooperativa: setor administrativo, de eventos, de vendas, de publicações, de divulgação, etc.

Inicialmente estas comissões procuraram estabelecer um programa, um calendário, mas, como se sabe, uma exposição é marcada com um ano de antecedência.

Muitos dos artistas cooperados já tinham compromissos com museus, galerias etc., para exposições individuais.

Com as exposições coletivas, a dificuldade era encontrar propostas que coincidissem com a produção usual de cada artista, reduzindo as possibilidades de fazer uma exposição significativa com grupos tão heterogêneos.

Aconteceu que os próprios artistas, vivenciando a cooperativa, em conversas, debates, discussões (às vezes acaloradas), resolveram participar mais nas decisões sobre eventos.

Fridman: — Para este semestre estão marcados os seguintes eventos:

De 15 a 27 de setembro — "Aquarelas de Viagem" — primeira exposição individual de Fábio Cardoso de Almeida: Aquarelas.

De 30 de setembro a 11 de outubro — "A formação do artista: do aprendizado à habilitação" — exposição de 15 desenhos e 20 óleos de José Carlos C. Ferreira (Bol) mostrando "a formação, o diploma e habilitação ao sistema de artes" com a publicação do "P.G.U. 666.053", processo burocrático, pelo qual foi conferida carteira de "artista plástico profissional" a Gabriel Borba, em 1972.

De 14 de outubro a 25 de mesmo mês — "Lizárraga" — desenhos e gravuras do artista financiada pela Cooperativa a partir de projeto do artista; co-edição de gravura pela Cooperativa e Aster — Artes Visuais.

28 de outubro — "Television Sets" — instalação de vídeo e apresentação de litoff-set por Rafael França.

De 4 a 11 de novembro — "São Paulo em Massa" — coletiva de xerografia.

De 18 a 29 de novembro — Dudi Maia Rosa — exposição de pinturas e coleção de cerâmicas para crianças.

De 1.º a 6 de dezembro — "Objetos Frágeis" — Marcelo Nitsche apresenta 50 novos objetos.

A partir de 10 de dezembro — "Abecedário" — exposição coletiva e lançamento do livro/catálogo "Cartilha".

Discos/Lançamentos

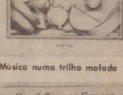
Os Cameristas

Música numa trilha mofada

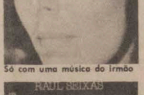
Só com uma música do irmão

Um sabor muito especial

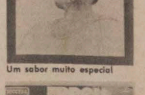
Iberê Gomes Grosso



Uma grande virtuosidade



Tem até "Rock das Aranhas"



Pianista dos mais originais

Nacionalismo clássico brasileiro

Dois dos discos clássicos lançados esta semana trazem, na contracapa, a seguinte inscrição: "Esta produção foi realizada com a colaboração do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro e integra o Plano de Ação Cultural da Associação Brasileira dos Produtores de Discos." Bela frase para encobrir, na realidade, uma obrigação das gravadoras, em sua maioria multinacionais aqui sediadas. Existe um grito no mercado do disco, "trabalhar o LP", que significa promovê-lo, divulgá-lo junto aos meios de comunicação. Recentemente, Clara Sverner, com o disco "Chiquinha Gonzaga", da Odeon, fez a via-crúcis das rádios, jornais e deu recitais no interior de São Paulo, para promover seu trabalho. Com estes discos de música de câmara agora lançados, acontece o inverso. Não se tem fotos nem material sobre os intérpretes ou os compositores, ninguém dá sinal de qualquer interesse em que o disco venda. Este tipo de lançamento só serve de argumento para as gravadores poderem afirmar que música clássica feita no Brasil não vende (as exceções, no entanto, estão aí para quem quiser ver):

Iberê Gomes Grosso: "Homenagem" (Som Livre) — Iberê, sem dúvida, é um dos mais importantes músicos brasileiros, violoncelista de grande virtuosidade e intensa atividade didática no Rio de Janeiro, onde se fixou. Campineiro, sobrinho-neto de Carlos Gomes, Iberê fez uma carreira fulminante, tendo estudado na França, com Pablo Casals. O recém-falecido Airton Barbosa afirma, no texto da contracapa: "Iberê é o símbolo de uma era em que a música brasileira luta para não ser uma eterna desconhecida dentro de seu próprio país."

Os Cameristas: "Breno Blauth, José Siqueira e Nelson de Macedo"; solista: Lieber Veiga, oboé (Philips/Polygram) — O nível de produção já é sensivelmente melhor: há os nomes dos músicos, a ficha técnica completa, e uma apresentação do decano dos críticos musicais nacionais, Eurico Nogueira França. Musicalmente, porém, o disco respira uma atmosfera totalmente ultrapassada: Breno, Siqueira e Macedo estão vivos, mas nem por isso preocupam-se em fazer música que tenha algo a ver com a realidade atual, dos anos 80. Em vez disso, preferem refugiar-se num nacionalismo estreito, feito de sincopes bobas. Quem duvidar, compre o disco: "Divertimento", de Blauth, é um arranjo da cantiga "Cai, Cai Balão", que no final não encanta como cantiga infantil tem muito menos como música elaborada (um lixo, que só mostra artesanato); Siqueira ataca com o "Concertino para Oboé e Orquestra de Câmera" aproveitando pregões folclóricos.

Bella Davidovich: Robert Schumann: "Carnaval", op. 9 e "Humoresque", op. 20 (Philips/Polygram) — O primeiro disco ocidental da pianista soviética Bella Davidovich, que fixou nos Estados Unidos em 1978, com o devido visto de imigração. A pianista tem feito sensação tanto nos EUA como na Europa — os condimentos políticos, afinal, sempre ajudam a projetar o artista (vide Rostropovich). Bella, em todo caso, já era uma pianista madura na própria União Soviética, onde iniciou carreira em 1949, ganhando o Concurso Chopin de Varsóvia. Nesta recital Schumann, com dois pratos de resistência, Bella se sai aparentemente bem. — João Marcos Coelho.

Falta chama e tanto técnico

Cantoras, novelas e roqueiros

"Elba Ramalho, Capim do Vale" (CBS) — Outra cantora da safra do ano passado que chega ao segundo LP.

Canta músicas de Elomar ("O Violeiro"), Luiz Gonzaga-Zé Dantas ("Imbalança"), Sivuca-Paulinho Tapajós ("Capim do Vale") e Alceu Valença ("Porto da Saudade").

"Ana de Hollanda" (Eldorado) — Mais uma irmã de Chico Buarque que vira cantora. A única composição do irmão incluída neste seu primeiro LP é Angélica (parceria com Miltinho, do MPB-4). Entre as outras, "Uranda" de Irene Portela, "Um Grito Parado no Ar", de Toquinho e Guarnieri, "Santa Vida", de Nelson Angelo, e "Tipo Zero", de Noel Rosa.

"Emilio Escobar, Ontem ao Luar" (Eldorado) — Música de serenata é sempre agradável, ainda que o repertório seja quase sempre o mesmo em todos os discos que aparecem: "Malandrinha", "Cabelos Cor de Prata", "Última Estrofe", "Deusa da Minha Rua" etc.

"Netinho, Amor e Caridade" (RCA) — Ex-Jovem Guarda, ex-namorado de Rita Pavone e ex-uma porção de conjuntos, o baterista Netinho agora resolveu ser também cantor: "Lado Animal", "As Vezes", "Vivendo Com Medo", "Amar e Comemorar" e outros rocknhos, além da gostosa moda de viola de Rita Lee, "Modinha".

"Raul Seixas, Abre-te Sésamo" (CBS) — Censura agora virou publicidade: na capa do LP há um letreiro dizendo que a faixa "Rock das Aranhas" está proibida de tocar nas rádios e televisões. Outras faixas: "Aluga-se", "Anos 80", "Minha Viola", "Só Pra Variar" e "Baby".

"Sandra Sá" (RGE) — Depois do sucesso que fez cantando seu "Demônio Colorido" no MPB-80, ela aparece num LP, onde é autora de cinco músicas.

Canta também "E", de Gilberto Gil, "Cavalo de Ferro" de Fagner e Ricardo Bezerra e "Vinte e Poucos Anos", de Fábio Jr.

"Odair José" (Continental) — Depois de cantar só dramalhões durante oito anos, ele agora "volta às raízes", segundo diz e inclui músicas sertanejas no seu novo LP.

"Coração Alado" (Som Livre) — Trilha da novela.

Além de "Noturno", com Fagner, tema da abertura, há "Momentos", com Joana; "Ela e Eu", com Bethânia; "Meu Bem Querer", com Djavan; "Moda de Sam Gole", com Elis Regina" e "Pontos de Interrogação", com Gonzaguinha.

"Sampa" (Eldorado) — Reportagem musical sobre São Paulo, com canções que falam da cidade, como, por exemplo, "Rapaziada do Brás", de Alberto Marino, "Praça Clóvis", de Paulo Vanzolini, "No Morro da Casa Verde", de Adoniram Barbosa, "São São Paulo", de Tom Zé, "Sampa", de Caetano Veloso, "Serenata", de Martins Fontes-Meira Buarque, interpretadas por vários cantores, entre eles, Adoniran Barbosa, Demônios da Garoa, Silvia Maria, Tituiares do Ritmo, Zéluiz e Emilio Escobar. — Dircea Soares.

No sucesso do MPB-80

O "gospel" numa versão de mestre

Mahalia Jackson: "What the World Needs Now" (CBS, Coleção "Jazz Series") — Um disco de Mahalia sempre é um acontecimento importante, mas este tem um sabor especial. A maior cantora de "gospel" — a música afro-americana modernamente praticada nas igrejas dos Estados Unidos, correspondente do antigo "spiritual" cantado desde antes da fixação da forma jazz —, ao lado de Rosetta Tharpe, transmite uma mensagem nova e brilhante neste ruim começo dos anos 80. Ela morreu em 1972, com sessenta anos, na Little Company do Mary Hospital, em Illinois, de um ataque cardíaco, mas sua arte única permanece viva e com uma brutal força de comunicação. Essa contralto de voz maravilhosa, que usava inflexões blues em seu canto religioso, jamais decidiu-se de vez por uma carreira comercial, fora das igrejas batistas americanas. O pouco que se possui dela gravado é resultado de insistentes pedidos e apelos de especialistas. A fama mundial aconteceu entre 1945 e 1960, mas sua única turnê internacional aconteceu em 1971, quando encantou as platéias de Toquio, Bombaim, na Índia e na Europa. Dentro da estrutura de formação do jazz, o "gospel" — versão religiosa do blues — talvez seja o tipo de música menos enfocado como uma de suas matrizes. O canto religioso negro permanece até hoje confinado nas igrejas, sobretudo do sul dos EUA.

Louis Armstrong E His Friends (Success Series, do selo econômico Fontana/Polygram) — Um disco no mínimo curioso, pois, embora gravado em 1970, portanto bem próximo de sua morte, marca a parceria com o injustiçado obscuro arranjador e compositor Oliver Nelson, responsável por um disco admirável, "The Blues and the Abstract Truth", do qual participa o recém-falecido pianista Bill Evans. No geral, os arranjos são estranhamente diluídos, comercialóides, mas Nelson não consegue esconder sua rara competência na manipulação dos instrumentos em "The Creator Has a Masterplan", um tema do tenorista Pharoah Sanders, parceiro de Coltrane em 1966/67, seus dois últimos anos de vida. Mas esta é uma exceção. No geral, as faixas decorrem mornas (Louis só canta) e insípidas.

Erroll Garner: "Romantic E Swinging" (Success Series, selo Mercury, distribuição Polygram) — Um dos mais originais pianistas, de estilo intensamente pessoal, surgido no panorama jazzístico moderno, num LP surpreendentemente muito bom, apesar das aparências em contrário. Só há indicações de datas das gravações, distribuídas entre 1955 e 1967. Garner, que morreu há pouco tempo, não sabia ler uma nota de música, mas tinha uma intuição musical, que seus acordes complexos na mão esquerda retardando propositadamente o tempo enquanto a direita evolua rapidamente, dentro do "beat" exato, tornaram-se famosos. Idem para suas evoluções em arpejos. O repertório é aquele seu tradicional, incluindo "Misty", sua mais célebre composição, "That Old Feeling" e "Solitaire". O detalhe significativo, porém, é que, das dez faixas, cerca de metade são executadas num maravilhoso piano-solo como só ele sabia fazer. Estas faixas incríveis são: "That Old Feeling" (1961), "I'll Never Smile Again" (1955), "Love in Bloom" (61), "Solitaire" (55) e "St. James Infirmary" (55). João Marcos Coelho.

Arranjos bem comercialóides